





# ARTIGOS

## RESUMO

Este artigo tem como proposta apresentar um método exploratório de análise sensível da paisagem a partir da escala humana. Além dos fundamentos teóricos desenvolvidos sobre a paisagem, estão inclusos fundamentos sobre a escala/sensação humana – carimbo verde. Ao sistematizar o território por unidades da paisagem, tem-se por objetivo isolar aqueles elementos que fundamentam a paisagem como suporte de atividade humana, bem como objeto cultural e unidade geofísica, o que resulta como testemunho de sua história e do processo dinâmico que permite sua evolução dia após dia.

O Plano Piloto de Brasília é utilizado como laboratório para a análise do Carimbo Verde abordando o sistema de espaços livres em dois níveis: A escalas urbanas, fundamentos do princípio urbanístico – residencial, monumental, gregária e bucólica – e em seguida os sistema de espaços livres da escala residencial como suporte de novas urbanidades.

**Palavras chave:** arquitetura da paisagem, urbanismo, plano paisagem

CARIMBO VERDE, UM OLHAR SOBRE O SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRE  
DO PLANO PILOTO – BRASÍLIA

Yara Regina Oliveira | Professora do CAU/UCB

## REFERÊNCIAS TEÓRICAS PARA A CONSTRUÇÃO DO MÉTODO

Carimbo Verde, mais um termo de moda? De maneira alguma. O termo foi escolhido por se tratar de um denominador mínimo comum na apreciação e captura de um tempo sincrônico<sup>1</sup> do espaço urbano sobre uma paisagem diacrônica. Parafraseando o caminho do meio descrito por Sachs em 2009, corresponde a uma abordagem do paisagismo que pretende integrar as diferentes perspectivas e sensações ao longo do percurso, dentro do contexto da cidade. Entre outros textos de referência, tem-se a “Imagem da Cidade”, de Kevin Lynch (pág. 57), em que o autor enuncia que cada indivíduo tem uma imagem própria e única que, de certa forma, raramente ou mesmo nunca, é divulgada, mas que, contudo, se aproxima da imagem pública e que em meios ambientes diferentes se tornam mais ou menos determinantes, mais ou menos aceitos. O livro “A condição urbana”, de Olivier Mongin, aborda a cidade como experiência urbana e polifônica<sup>2</sup>:

Ela é primeiramente uma experiência física, a marcha do corpo dentro de um espaço onde prevalece a relação circular entre um centro e uma periferia. A experiência urbana e, depois, um espaço público onde corpos se expõem e onde se pode inventar uma vida política pelo viés da deliberação, das liberdades e da reivindicação igualitária. Mas a cidade é também um objeto que se observa, a maquete que o arquiteto, o engenheiro e o urbanista têm diante dos olhos, uma construção, até mesmo um maquinário, submetida de imediato aos fluxos da técnica e ao desejo de controle do Estado. (Mongin, 2009, p. 29-30).

1 A partir de Saussure, linguista genebrino, muito se falou em sincronia e diacronia. Sincrônico significa ao mesmo tempo. Diacrônico são ocorrências que acontecem através do tempo

2 [http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1340:entrevistas-materias&Itemid=41](http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1340:entrevistas-materias&Itemid=41) acessado em 02/04/2014.

Assim, a ideia do Carimbo Verde nasceu da vontade de acrescentar três fenômenos ao diagnóstico da paisagem:

- Levantar em conta várias percepções do sujeito protagonista que, como tal, ao percorrer a paisagem, relaciona-se com tais espaços, e de como o entorno se comunica com esses elementos, a paisagem em movimento.
- Acrescentar na análise da paisagem do sistema de espaços livres, questões sobre a gestão/uso dos espaços, público, privado, semi público.
- Sedimentar os parâmetros de análise da paisagem, já desenvolvidos de forma teórica por profissionais arquitetos, urbanistas, geógrafos, sociólogos, ecólogos...

Sem a pretensão de ser exaustiva, os principais elementos de observação adotados foram sistematizados em uma legenda com múltiplas entradas:

- A relação dos sistemas de espaços livres: cheios e vazios;

- Os elementos da paisagem de domínio do público, de domínio privado e dos espaços mistos;

- No espaço não construído – espaços livres de construção – declina-se em espaço vegetal e/ou espaço mineral. Para em seguida definir categorias de unidades da paisagem em cada uma das categorias mineral ou vegetal.

- A paisagem em movimento engloba:

- o suporte do movimento, no caso uma atenção para os deslocamentos não motorizados, espaço do pedestre materializado e caminhos de desejo dos fluxos que imprimem no solo as suas marcas;
- Os marcos visuais, as panorâmicas, os feixes visuais;
- Os cenários da paisagem; franjas urbanas, sequências urbanas, espaço peri-urbano
- Os obstáculos visuais ou físicos, transparências e opacidade, permeabilidades.



Figura 18: Esquema para construção de uma legenda para análise da paisagem, 2012. Fonte: Yara Regina Oliveira

O esquema adotado para a análise da paisagem estrutura o conceito de paisagem ao se recorrer a três aspectos. O primeiro é o da ótica, que é a visão serial propriamente dita, e é formada por percepções sequenciais do espaço urbano – primeiro, avista-se uma rua, em seguida, entra-se em um pátio, que sugere um novo ponto de vista de um monumento, e assim por diante. O segundo fator é o local que diz respeito às reações do sujeito com relação à sua posição no espaço, vulgarmente denominadas sentido de localização, “estou aqui fora”; esse aspecto refere-se às sensações provocadas pelos espaços – aber-

tos, fechados, altos, baixos etc. O terceiro aspecto é o conteúdo, que se relaciona com a construção da cidade – cores, texturas, escalas, estilos que caracterizam os edifícios e setores da malha urbana.

Enquanto Mongin lamenta a perda do sentido da polis grega e da república cívica do Renascimento italiano, ou até mesmo das cidades recriadas pelos escritores – a Paris do surrealista Raymond Queneau, por exemplo – que não se resumem a construções e monumentos, mas sugerem cheiros, barulhos, vida pulsante, olhares sedutores, corpos que se cruzam. Mon-

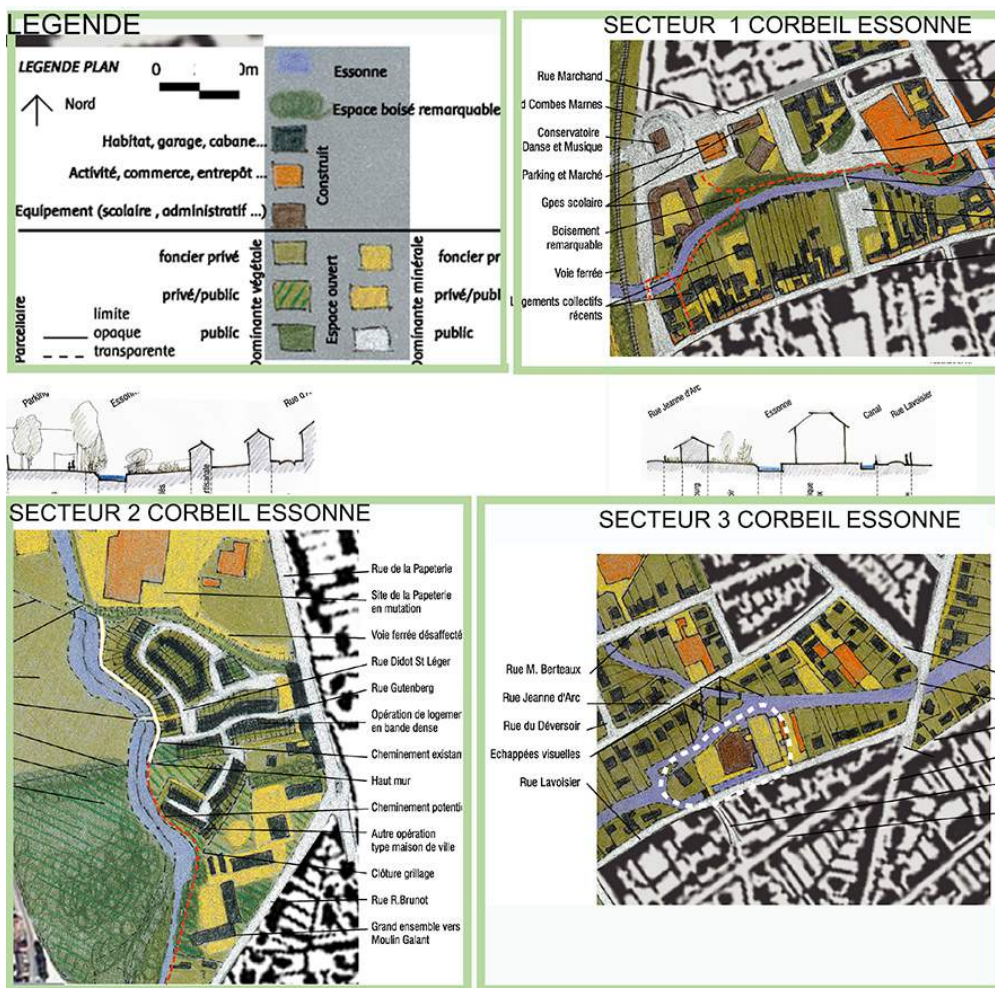
gin tem, enfim, nostalgia da experiência urbana multidimensional das cidades em que engenheiros-urbanistas dialogavam com artistas.

Cita, ainda, Louis Aragon, Julien Graça e Michel Buttor sempre que fala nos vínculos que os habitantes da urbe guardam com o corpo unificado da cidade. Para ele, vivemos hoje tempos difíceis, em que é quase impossível captar a essência da cidade como antigamente, porque a globalização nos obriga a pensar em termos

de território, e não na cidade do flâneur de Baudelaire, aquele que podia se confundir com a multidão e mudar o espaço público.

Este método tem o seu início durante os trabalhos preliminares de análise da paisagem para a elaboração do Plano Diretor de Valorização urbano-paisagística do beira-rio Essonne – França, em 2005.

Figura 19 Exemplo de um painel de análise da paisagem da cidade de Corbeil Essonne, 2004. Fonte: arquivos pessoais S/ARCE/YRO, 2004





## ESPECÍFICA AO TECIDO URBANO MODERNO: PLANO PILOTO - BRASÍLIA

O fato de se criar uma legenda com múltiplas entradas gera possibilidades para se transcrever em desenhos a percepção do lugar. A metodologia foi, em princípio, sistematizada sobre uma morfologia urbana clássica, como a das cidades banhadas pelo rio Essonne na França. Em seguida, experimentou-se em uma estrutura urbana “moderna” – Brasília – onde a rua é abolida em prol dos espaços vazios.

Assim, passa-se à fase de classificação dos tipos de espaços ‘vazios’, nos apoiando aos princípios enunciados por Silvio Macedo (op.cit 2009) e Tanguari<sup>3</sup>, sobre o sistema de espaços livres. Entretanto o sistema de espaços livre existentes no Plano Piloto de Brasília se adequam aos princípios das quatro escalas urbanas constituídas: residencial, gregária, monumental e bucólica, nas quais são percebidos os espaços construídos e vividos.

Recapitulando os princípios teóricos, as relações de Le Corbusier com os espaços livres são ambíguas e contraditórias. Se sua arquitetura deriva de complexos conceitos a priori estabelecidos, sua atitude com relação ao tratamento dos espaços livres é na maioria das vezes esquemática. Entende-se assim o porquê de suas concepções urbanas tenderem a reduzir os espaços livres a um plano neutro despojado de características fisiográficas.

<sup>3</sup> TANGARI, V. e vários. Sistema de espaços livres na cidades brasileira – um debate conceitual. Revista Paisagem e ambiente – USP. São Paulo, 2009 pgs 225-249

Em grande parte, pode-se considerar que a concepção de cidade-parque engendrada por Lúcio Costa no Plano Piloto de Brasília seja uma síntese das concepções urbanas de Le Corbusier, expressas nos manifestos do CIAM e nas ideias de cidade-jardim.

Entretanto, outro tópico importante na concepção de Brasília é o conceito de unidade de vizinhança que, em muitos aspectos, aproxima-se das concepções de cidade-jardim de Howard, como no que se refere à preocupação em relação aos aspectos sociais e à visão de uma cidade organizada hierarquicamente em partes.

No Relatório do Plano-Piloto de Brasília, que Lúcio Costa apresenta à banca do concurso para a escolha do projeto da nova capital, ele recorre à expressão cidade-parque para definir sua concepção urbana, sintetizando os trabalhos de construção da cidade em termos de “uma parte técnica rodoviária” e de uma “técnica paisagística de parques e jardins”.

Os setores de horticultura e floricultura, prosaica referência à cidade-jardim de Howard, são redefinidos como setores habitacionais (SHIG - Setor de Habitações Geminadas Norte e Sul) para abrigar os primeiros funcionários públicos (professores, médicos etc.), que começaram a chegar para dar suporte aos trabalhos de construção e para atender a população deslocada para a execução das obras. Estas alterações iniciais iriam abrir caminho para inúmeras outras que iriam acontecer após Lúcio Costa deixar de assessorar a

implantação do seu plano urbanístico. Do mesmo modo, Brasília iria sofrer adaptações ditadas pelo próprio uso que a população dela faria. Ainda assim, pode-se considerar que esses acréscimos e modificações não chegaram a contrariar o projeto inicial de Lúcio Costa.

É na superquadra que o ideal de cidade-parque parece encontrar sua melhor expressão. Os espaços livres sugerem um bosque urbano pontuado por edifícios e que só é interrompido pelas ruas comerciais, que se intercalam entre as superquadras. A essa grande quantidade de espaços livres arborizados se conjuga uma relativamente baixa densidade construída e demográfica. Em algumas superquadras, o percentual de espaços livres chega a atingir entre 70% a 80%, incluindo-se aí as áreas ajardinadas e as superfícies ocupadas pelas vias e estacionamentos; cada superquadra mede 240 x 240 metros (57.000m<sup>2</sup>) e tem uma média de 2.500 habitantes distribuídos por 11 blocos residenciais de seis andares.



Figura 20: Croquis em planta baixa e perspectiva da superquadra de Lúcio Costa. Fonte: Relatório de Plano Piloto.



Outro aspecto que chama a atenção nas superquadras é o fato de todo o seu solo ser considerado público, solução conseguida mediante a criação da figura jurídica da projeção, que substitui o lote como forma de parcelamento e estabelece como norma o uso do sistema de pilotis para os edifícios, o que, pelo menos em tese, permite um acesso irrestrito a todas as partes da superquadra. Os espaços livres internos são chamados de 'pátio urbano' por Lúcio Costa.

O tratamento dado aos espaços livres da superquadra é simplificado. A cortina de árvores, periférica às superquadras, e que, segundo Lúcio Costa, deveria ser constituída de árvores de diferentes espécies (como meio de diferenciar cada uma das superquadras), não ocorre conforme o previsto. Esse cordão de árvores, hoje, mistura diferentes espécies. Do mesmo modo, as árvores no interior destes locais sugerem a ausência de um projeto de plantio. A ausência de uma ordem que seja visualmente identificável dá às superquadras uma feição de cunho naturalista, que só não é mais forte em virtude da ausência de variações e detalhes de relevo, que foram eliminados pela terraplanagem e pelo tratamento dado às superfícies, quase exclusivamente limitadas a um gramado.

Ainda assim, poder-se-ia considerar que o ambiente resultante é satisfatório do ponto de vista dos moradores, condição para a qual colabora o sistema viário que desestimula a circulação de automóveis no interior das superquadras e desvia o

trânsito de passagem. Entretanto, o dimensionamento dos espaços livres e a relativa ausência de barreiras físicas acabam produzindo para os pedestres muitas possibilidades de percurso, já que todos são considerados espaços públicos, solução conseguida mediante a criação da figura jurídica da projeção, conforme descrita em parágrafo anterior.

Assim, o exercício de análise da paisagem baseou-se, a partir das quatro escalas urbanas, na verificação das subunidades paisagísticas presentes em cada uma delas, considerando-se a paisagem que se vê de fora e a que é vista a partir do interior das edificações, como, por exemplo, a vista arborizada característica dos moradores dos blocos das superquadras ou, ainda, a dos jardins dos edifícios públicos, tais como o Itamaraty, Correios, Teatro Nacional etc. A alusão é feita a quase tudo o que se manifesta como componente paisagístico que oferece o prazer aos olhos, do estar ou do se deslocar. Nas palavras de Romero:

A recente perda e decadência dos espaços públicos abertos, em que se fecha, literalmente, o espaço público e, portanto, elimina-se o clima de convivência cidadã, é um fator que compromete a sustentabilidade do espaço, especialmente de espaços projetados, como Brasília, que são exemplo de patrimônio da humanidade. A contraposição de medidas sustentáveis a esse fechamento exige uma abordagem global do espaço urbano e suas complexas relações, no qual uma visão sistêmica, integrada e inter-relacional deve apoiar a investigação e seus desdobramentos” Romero, M. 2009 (p. 153).

Desta maneira, portanto, realiza-se um inventário do sistema de espaços livre do Plano Piloto, de maneira a se obter uma imagem dos usos a partir de variáveis que estão ao alcance da escala de percepção humana dos espaços livres de construção.

Os princípios metodológicos são tratados a partir das quatro escalas urbanas definidas por Lúcio Costa.

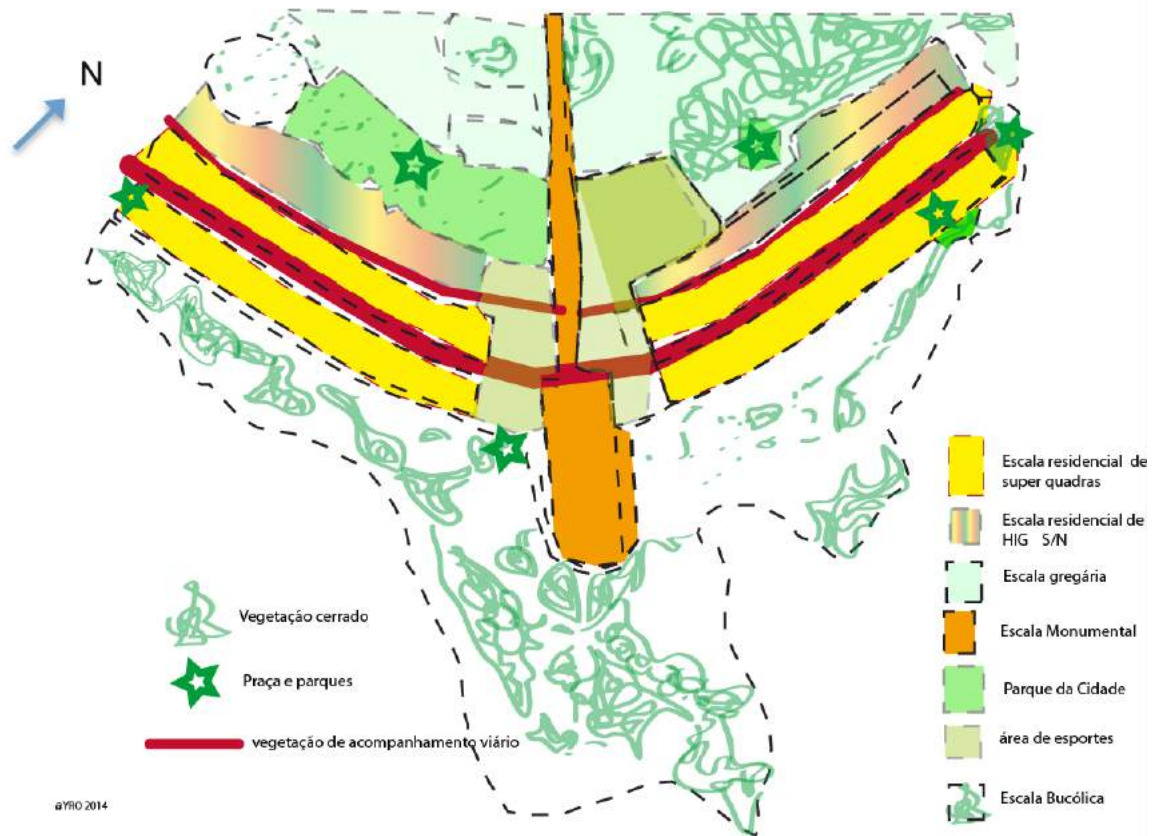


Figura 21: Unidades da paisagem do Plano Piloto, 2014. Fonte: Yara Regina Oliveira



## **CARACTERÍSTICA DA PAISAGEM INTERNA A CADA ESCALA URBANA DO PLANO PILOTO**

### **Categorias da escala monumental**

- Existe a relação direta com o skyline do relevo composto pela linha do horizonte delineada pela bacia do Paranoá, que constitui vistas panorâmicas de relevância na composição da paisagem da Praça dos Três Poderes.

- A unidade composta pelos gramados, que assegura, como um tapete, a simbiose entre o vazio e o espaço construído, dimensão fundamentalmente importante para assegurar a monumentalidade do conjunto entre a plataforma da Rodoviária e a Praça dos Três Poderes.

- As unidades paisagísticas, que asseguram uma relação harmônica entre o construído interno e o construído externo, bem como entre os espaços vazios externos e os vazios internos; os jardins – a relação de complementaridade entre o Palácio do Itamaraty e o Ministério da Justiça são um exemplos desta composição.

- Os massivos arbóreos existentes próximos aos ministérios frente à Catedral, e que às vezes passam despercebidos para os olhos pouco atentos, mas garantem um conforto de sombra para o pedestre, sem interferir na silhueta monumental do lugar construído.

- Os espaços livres de construção da plataforma da Rodoviária, lugares de encontro com característica mineral e de grande

importância no cotidiano da vida urbana. A praça mineral do museu da República representa um dos lugares mais democráticos de todo o quadrilátero de Brasília.

- Os espaços entre a plataforma da rodoviária e a Torre de Televisão, cujo espaço central é composto pela praça das fontes e o futuro parque-bosque em construção pelo escritório de Burle Marx.

- E, por fim, entre a Torre de TV até a Rodoviária, o inventário traria à luz do dia uma visão dos atuais usos e conexões entre o espaço construído e o espaço público. Além do conjunto administrativo local, composto em torno da Praça do Buriti (onde vegetal mauritia flexuosa é a marca urbana na esplanada) existem as grandes áreas destinadas: à feira artesanal, aos edifícios de artes, músicas e convenções; e, na sua lateral, o Parque da Cidade faz o contraponto da área de grandes eventos esportivos.

### **Categorias da escala gregária.**

A escala gregária é caracterizada pelos seguintes espaços:

- Jardins de plataformas – vegetação de acompanhamento tipo floreiras – o que assegura a presença vegetal.

- A vegetação dos espaços minerais, assegurada por “floreiras” de cimento, nas plataformas próximas ao edifício Central Brasília e nos edifícios do BRB, BB, CEF, BC etc.

- As praças existentes no interior do Setor de Autarquias (pátio urbano).
- Jardins internos associados aos edifícios – prédio dos Correios, Conjunto Nacional e outros a serem investigados.
- Os jardins que asseguram a ligação interna–externa do edifício, tal como a que ocorre no Teatro Nacional com seu entorno.
- Os espaços “ajardinados” que asseguram a ligação entre os edifícios do Conjunto Nacional e do Teatro Nacional, bem como, no lado sul, entre o Conic e o edifício do antigo Touring Club.

### **Categorias da escala bucólica.**

60

Inicialmente, caracterizou-se pelo espaço que corresponde à passagem entre o limiar leste do Plano Piloto e as bordas do Lago Paranoá. Em seguida, estendeu-se como intervenção da escala bucólica nos espaços urbanos e que se faz sentir na passagem das outras escalas urbanas, sem transição, do ocupado para o não-ocupado - delimitada por áreas livres arborizadas e o cinturão verde, presentes na quadras, e que lhes conferem a característica de pátio urbano.

O vegetal, que em princípio fora principalmente acordado com relação a uma escala urbana onde se confinam os espaços verdes, mescla-se ao espaço vazio de construções, assumindo função e usos variados sobre as outras escalas urbanas, criando, assim, uma estrutura urbana vegetal que passa da horta para as gra-

míneas, para alamedas arbóreas, para praças e bosques como cenário urbano, ora se retraindo e deixando lugar para o espaço mineral vazio de construção, tão necessário para a composição harmônica da morfologia urbana – os cenários.

Este exercício permite perceber que os espaços vazios urbanos são tudo, menos um vazio, eles possuem uma alma própria, bem como significados e usos urbanos diferenciados, e onde os protagonistas são múltiplos.

### **A escala residencial.**

Na escala residencial, os espaços verdes são organizados conforme as seguintes categorias:

- O cinturão verde de 20 metros no entorno das superquadras, mais visíveis nas superquadras da asa sul.
- Os pátios urbanos internos as superquadras com configurações espaciais múltiplas de uma para outra.
- As entre quadras, ligações entre as quadras, superquadras, comércio locais, equipamentos públicos.
- Nas quadras 700 da Asa Sul, a característica de fita arborizada está presente conferindo um espaço linear da sequência das quadras. Nos jardins, inicialmente previstos contíguos às residências, cuja construção é implantada nos limites do lote, a apropriação e gestão do espaço contíguo assumem características com geometria variável. Ora os proprietários incorporam

parte das áreas verdes no domínio privado, ora as fitas vegetais são uma extensão harmônica da vegetação dos espaços públicos. Os casos em que a gestão se faz ao nível da prefeitura de quadra, são criados jardins, parques, entradas de veículos, estacionamento, hortas, compondo desta forma um mosaico de particularidades.

## CONCLUSÕES

Em guisa de conclusão, o método de análise da paisagem “carimbo verde” para Brasília, comporta os seguintes passos:

Quatro fases de análise: a) os espaços cheios e vazios nos permitem proceder a avaliação dos sistema de espaços livres; b) as árvores e os caminho de pedestres nos permitem avaliar o quanto a estrutura arbórea está em consonância ou não, e atende ao conforto do usuário, assim como também nos permite avaliar o grau da espessura urbana<sup>4</sup> do sítio; c) as vias e estacionamento nos permite avaliar as condições da rede viárias locais. d) o mapa sínteses – construído, não construído mineral e vegetal e a paisagem em movimento (fig.06). A sua análise nos permite estabelecer as fragilidades e potencialidades para o projeto da arquitetura da paisagem.

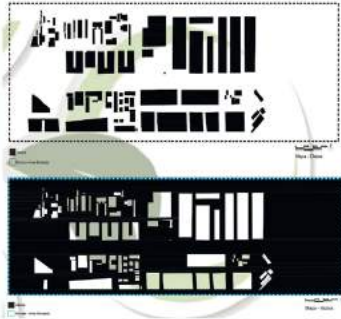
---

<sup>4</sup> Entendemos como espessura urbana, locais que são cenas de vida urbana, estas sendo ordenadas por um desenho urbano estabelecido, a cidade do plano, ou não a cidade vivida.

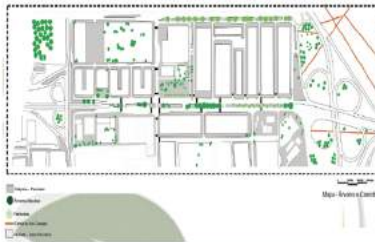


## CARIMBO VERDE - ANALISE DA PAISAGEM - ESCALA HUMANA

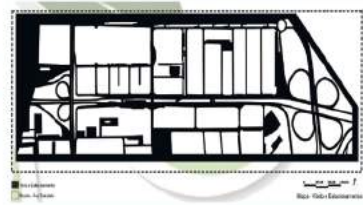
### 1 - MAPA ANALISE PAISAGISTICA CHEIOS E VAZIOS



### 2 - MAPA ANALISE PAISAGISTICA CAMINHOS DOS DESEJOS E MATERIALIZADOS - ARVORES



### 3 - MAPA ANALISE PAISAGISTICA VIAS E ESTACIONAMENTOS



### 4 - MAPA ANALISE DA PAISAGEM - SINTESES

#### ESPAÇOS CONSTRUÍDOS - TIPOLOGIAS E USOS

RESIDENCIA INDIVIDUAL	
RESIDENCIAL COLETIVO	
COMERCIO	
INSTITUCIONAL	

#### PAISAGENS EM MOVIMENTO

PONTOS FOCAIS MARCOS		CAMINHOS POTENCIAIS DE PEDESTRE	
BARREIRAS FISICAS		CAMINHOS PEDESTRE MATERIALIZADO	
SEQUENCIA PAISAGISTICA INTERESSANTE		PANORAMA CENARIOS	

#### ESPAÇOS ABERTOS - LIVRES DE CONSTRUÇÃO

	MINERAL	
	PRIVADO	PUBLICO
ESTACIONAMENTOS		
TERRENO A CONSTRUIR		
QUADRAS POLIESPORTIVAS		
VIAS		
SALÕES URBANOS		

#### VEGETAL

	PRIVADO	PUBLICO
PRAÇAS		
JARDINS / PATIOS URBANOS		
GRAMADO ESPAÇO RESIDUAL		
CINTURÃO VERDE		
ESPAÇO DE ACOMPANHAMENTO VIÁRIO		
ESPAÇO DE ACOMPANHAMENTO EDIFÍCIOS - ORNAMENTAIS		
CERCAS VIVAS		

	CONSERVADO	DESERVADO
PARQUES PÚBLICOS		
CERRADO / UÍDADES DE PAISAGEM		



@YRO - 2015

Figura 22: Esquema legenda para análise da paisagem de Brasília, 2014. Fonte: Yara Regina Oliveira

Finalizamos o artigo procedendo ao diagnóstico da paisagem das superquadras com relação aos seus espaços livres: os espaços potencialmente suportes de projeto, os caminhos materializados ou não, os salões urbanos e os pátios urbanos.

### **Os caminhos materializados ou não.**

Na cidade parque o caminho dos desejos impressos no solo revelam espessura urbana, pois são testemunhas de uma paisagem humana, não materializada mineralmente, cruzando o sistema de espaços livres de Brasília. Apreendê-lo através de um diagnóstico da paisagem é um instrumento valioso de projeto. O leque abre-se para uma escolha de deixar o espaço como está, criar pontos de permanência ou ainda interromper aquele fluxo.

Os caminhos, materializados ou não, também são suportes projetuais da paisagem em movimento. Pois servem de palco para a construção do cenários urbanos, sejam eles mineral ou vegetal, das sequências urbanas, dos pontos de suspensão ou de conectividades. O processo de captura das sensações possíveis do usuário na escala humana é valioso, tanto para um planejamento da paisagem quanto para o processo de projeto.

### **Salões urbanos e os pátios urbanos.**

Para estes dois elementos novos que aparecem na configuração dos espaços criados pelo movimento moderno, Brasília serve como um grande laboratório de análise. Nos tecidos urbanos tradicionais,

a rua é o suporte das trocas humanas. No contexto da cidade como desenho moderno, onde libera-se o solo para o pedestre, a configuração da rua se expande e desaparece do desenho urbano a via e a empena do edifício. Eles vão se transformar nos salões urbanos ou pátios urbanos.

Os salões urbanos são constituídos pelos espaços existentes entre o “embaixo do bloco”<sup>5</sup> e o espaço imediatamente contíguo à edificação. Este espaço ao longo das superquadras se apresentam com uma geometria variável e um mosaico de configurações.

Estes espaços vão desde os “puxadinhos” presentes nos espaços entre o comércio local e o cinturão verde das superquadras, aos espaços intimistas constituídos por exemplo pelos taxistas na 309 sul.

5 Glossário Sirchal/Olhares sobre Brasília <http://www.cau.arq.br/olhares/>

Os pátios urbanos são figuras urbanas já constituídas por Lucio Costa e cuja apropriação vai tomar cursos também muito diferenciados. São espaços internos ou entre as superquadras, que se aproximam das praça e jardins clássicos. São geralmente constituídos por parques infantis, praças-jardins, terrenos poliesportivos e mais atualmente por hortas urbanas.

Finalizando, gostaria de deixar registrado que o tema sobre as conectividades ecológicas existentes nos sistema de espaços livres de Brasília é um universo ainda pouco explorado e cuja função social e ambiental é fundamental para o debate, pois se trata de um trabalho onde é necessária a contribuição de especialistas de diferentes áreas.

64



Figura 23: jardins espontâneos 309 Sul e 412 Sul. Fonte: autor 2016



## BIBLIOGRAFIA

- BARCELLOS, Vicente e HOLANDA, Frederico. Permanência e inovação: Sqn 109 Brasília. In HOLANDA, Frederico org. e outros. Arquitetura e Urbanidades. FRBH edições 2a ed. 2013.
- BARCELLOS, Vicente. Lugares ou não lugares ? Os descaminhos de um debate. Revista Paisagem e ambiente, ensaios, vol. 2, núm. 22, São Paulo Ed Universidade de São Paulo Brasil. 2006
- CAUQUELIN, Anne. A invenção da paisagem. São Paulo Ed. 70 coleção Artes e Comunicação. 2008
- COSTA, Lucio. Relatório do Plano Piloto de Brasília. In Brasília, cidade que inventei. Brasília: ArPDF, Codeplan e DePHA, 1991.
- COSTA, Lucio. Lucio Costa, registro de uma vivência. São Paulo: UnB, Empresa das Artes, 1995.
- EL-DAHDAH, Farès. Brasilia - The Project of Brasilia. IN El-Khoury, Rodolphe & Robbins, Edward. Shaping the city: studies in history, theory and urban design. Routledge, Houston: Rice University Humanities Research Center 2004. p. 45
- GOROVITZ, Matheus e FERREIRA, Marílio Mendes. A invenção da Superquadra. Brasília Editora IPHAN 2009
- GOROVITZ, Matheus. Brasília uma questão de escala. Brasília Ed.Projeto 1985
- MACEDO, QUEIROGA, CAMPOS, et al. Considerações preliminares sobre o sistema de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil. In: TÂNGARI, ANDRADE, SCHLEE (Orgs.). Sistemas de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009
- MONGIN, OLIVIER. A condição urbana. São Paulo Brochura S.P. 2014
- MONTE JUCÁ, Jane. "Concepção da Cidade-Parque de Brasília e a Construção de sua Paisagem: um percurso nos espaços da cidade". In : Construção de Paisagens: instrumentos práticos, teóricos-conceituais e projetuais (TERRA, C.G., ANDRADE, R., org.), Coleção paisagens Culturais, Vol.3. Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Belas Artes, 2008..
- SACHS, Ignacy : Estratégias de transição para o século XXI. Desenvolvimento e Meio Ambiente, São Paulo Studio Nobel/ Fundap, 1993